

NATUREZA, CAUSALIDADE E FORMAS DE CORPOREIDADE

Organização:

Adelino Cardoso

Manuel Silvério Marques

Marta Mendonça

Título: Natureza, Causalidade e Formas de Corporeidade

Organização: Adelino Cardoso / Manuel Silvério Marques / Marta Mendonça

Capa: António Pedro

© Edições Húmus, Lda., 2016 e Autores

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

© Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Universidade dos Açores

Av. de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa

cham@fcsh.unl.pt

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

O Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

1.ª edição: Dezembro de 2016

Depósito legal n.º 419867/16

ISBN: 978-989-755-254-0

ÍNDICE

- 7 Apresentação
- 9 Sentient Nature and the Great Paradox of Early Modern Philosophy:
How William Harvey and Francis Glisson Reinterpreted Aristotelian *Φύσις*
Guido Giglioni
- 29 Machine, Mind and Language in Post-Cartesian Natural History of Animals
Claude Perrault (1613-1688) and the Early Parisian Académie Royale des Sciences
Nunzio Allocca
- 51 Corps et nature à la transition du XVII^e au XVIII^e siècle. La cohérence des médecins
Jackie Pigeaud
- 107 “As coisas que a Natureza me ensina”
O contributo cartesiano para um conceito moderno de Natureza
Maria Luísa Ribeiro Ferreira
- 133 O corpo humano segundo Robert Boyle: considerações a partir da noção de ‘doença’
Hugo Fraguito
- 145 A causalidade ocasionalista em Nicolas Malebranche
Adelino Cardoso
- 155 O *Contrato Original* e a Instituição da Sociedade Política em David Hume
Teresa Tato Lima
- 167 The Beauty and Perfection of Monsters in the Eighteen Century
Palmira Fontes da Costa
- 177 The monstrous in Aldrovandi and the natural order of marine animals
in the 16th and 17th centuries
Cristina Brito
- 193 A prodigious bodily nature. Debates on albinism 1609-1745
Enrico Pasini
- 237 “La Mettrie ou a natureza sem margens”
Marta Mendonça

- 261 Disputes, controverses et progrès de l'art médical dans les
manuscrits médicaux de John Locke
Claire Crignon
- 279 L'imaginaire des idées médicales dans la Muse historique
Anne-Lise Rey
- 299 Medicine, Astrology and Controversy in the work of Nicholas Culpeper
Francisco Santos Silva
- 315 Iatromecanicismo na obra de Jacob de Castro Sarmiento
Joana Martins
- 333 O Popular e o Erudito
Imagens do Corpo no Discurso Médico Português no Século XVIII
Bruno Barreiros
- 353 Natureza plástica com alambique e árvore. Quadros da nosologia moderna
Manuel Silvério Marques

“LA METTRIE OU A NATUREZA SEM MARGENS”

MARTA MENDONÇA

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA FCSH / NOVA

CHAM – FCSH / NOVA – UAC

Resumo. Os títulos de algumas obras de La Mettrie – *L’Homme machine*, *L’Homme plante*, *L’Animal plus que machine* – põem em evidência o empenho deste autor para pensar a natureza a partir das categorias de ‘continuidade’ e de ‘analogia’ e para, na medida do possível, atenuar ou mesmo anular as discontinuidades, tanto internas como externas, com que anteriormente se conceptualizaram e ordenaram os seres naturais. Tudo é natureza e na natureza as variações, tanto estruturais como funcionais, são variações de grau, que não permitem delimitar reinos ou domínios relativamente autónomos. O projeto de La Mettrie parece estar guiado pela intenção de desfazer uma categorização ou inverter uma hierarquização dos seres naturais que, em seu entender, não está suficientemente fundada nem se justifica.

O artigo Os títulos de algumas obras de La Mettrie – *L’Homme machine*, *L’Homme plante*, *L’Animal plus que machine* – põem em evidência o empenho deste autor para pensar a natureza a partir das categorias de ‘continuidade’ e de ‘analogia’ e para, na medida do possível, atenuar ou mesmo anular as discontinuidades, tanto internas como externas, com que anteriormente se conceptualizaram e ordenaram os seres naturais. Tudo é natureza e na natureza as variações, tanto estruturais como funcionais, são variações de grau, que não permitem delimitar reinos ou domínios relativamente autónomos. O projeto de La Mettrie parece estar guiado pela intenção de desfazer uma categorização ou inverter uma hierarquização dos seres naturais que, em seu entender, não está suficientemente fundada nem se justifica.

A comunicação procura identificar o que funda este empenho de La Mettrie e que estratégias estão na base da sua defesa de uma concepção gradualista da realidade natural. procura identificar o que funda este empenho de La Mettrie e que estratégias estão na base da sua defesa de uma concepção gradualista da realidade natural.

1. O enigma de uma vida

La Mettrie viveu entre 1709 e 1751. Teve, portanto, uma vida curta, que foi no entanto relativamente atribulada nos últimos anos. Os factos referem-se tanto à sua vida pessoal e profissional, marcada por algumas mudanças relevantes, como também à viragem que o levou a uma intensa produção intelectual, particularmente fecunda no final da vida. A publicação, mesmo que por vezes anónima ou com a autoria dissimulada, de algumas destas obras mais tardias ocasionou um conjunto de reações negativas que o levaram por duas vezes ao exílio. Uma análise rápida desse percurso e dessas obras tem algo de enigmático. À primeira vista, La Mettrie é um provocador, alguém que tem prazer em desgostar os que o acolhem e que parece divertir-se a trocar deles.

A primeira parte da vida, até 1745, é bastante tranquila. Obtém um diploma de médico em 1728, depois de ter iniciado, sem levá-la a termo, uma carreira de eclesiástico. Exerce como médico em Saint-Malo, sua terra natal, até 1733. Nesse ano muda-se para a Holanda, onde trabalha com Boerhaave até à morte deste em 1738; durante este período traduz várias obras do mestre. Em 1741 regressa a França, agora a Paris, e torna-se médico militar e de campanha.

Em 1745 tem início a produção – que se mantém sempre a um ritmo elevado – da maioria das suas obras filosóficas e de intervenção ou de controversia e começa o período mais atribulado da sua vida. A produção filosófica inicia-se com a publicação da *Histoire naturelle de l'âme*, que apresenta como se se tratasse de uma tradução do inglês de algum autor anónimo¹. Este texto, recortado em parte, terá a partir de 1750 o título de *Traité de l'âme*. Nos cinco anos seguintes, até quase à sua morte, La Mettrie publica simultaneamente textos filosóficos e sátiras ou comédias de teor satírico. Umas e outras vão-lhe granjeando inimigos. Logo após a publicação da *Histoire naturelle de l'âme*, e em vista das reações negativas que o texto provoca, publica uma sátira com o título *La politique du médecin de Maquiavel*².

1. Cf. *Histoire naturelle de l'Âme*. Traduite de l'Anglois de M. Charp. Par feu Mr. H** de l'Académie des Sciences. A La Haye. Chez Jean Neaulme, Libraire. MDCCXLIV.

2. *Politique du medecin de Machiavel, ou le chemin de la fortune ouvert aux medecins : ouvrage reduit en forme de conseils, par le docteur Fum-Ho-Ham & traduit sur l'original chinois, par un nouveau maître es arts de S. Cosme : premiere partie qui contient les portraits des plus celebre medecins de Pekin* A Amsterdam, Chez les Freres Bernard, 1746.

A reação à publicação destas obras força-o a procurar o exílio, primeiro em Middelbourg e depois em Leiden.

Mal visto em França, a publicação em 1748 da sua obra mais conhecida, *L'Homme machine*, granjeia-lhe também a hostilidade tanto de teólogos como de filósofos holandeses, e La Mettrie é obrigado a abandonar a Holanda e a exilar-se de novo, agora em Berlim. Conta com a proteção de Frederico II da Prússia e mantém-se junto da corte prussiana até à sua morte. No anos anteriores publicara *La volupté* (1746) e *L'École de volupté* (1747) e nesse ano publica ainda *L'Homme plante* e uma tradução com um longo prefácio do *De vita beata* de Séneca. A partir de 1750, este prólogo será autonomizado e conhecido com o título de *L'Anti-Sénèque ou Discours sur le bonheur*. É também de 1748 a primeira edição de *L'Homme plus que machine*, texto de autoria duvidosa e que na segunda edição é atribuído ao seu editor, Elie Luzac³. Já do período de Berlim são as obras *Les animaux plus que machines*, *Réflexions sur l'origine des animaux* e *Système d'Epicure*, todas publicadas em 1750.

De atribuição duvidosa, segundo Frederico II da Prússia, a quem se deve o registo da maioria dos episódios mais significativos que marcaram a sua vida, são, além de *L'Homme plus que machine*, ainda *La volupté*, *L'École de volupté* e *L'Art de jouir*, este último de 1751.

-
3. A discussão sobre a verdadeira autoria deste texto continua em aberto, embora a maioria dos estudiosos de La Mettrie tenda hoje a atribuí-lo a Elie Luzac. A edição mais recente da obra filosófica de La Mettrie, de Fayard, embora mencione a questão, inclui-o entre as suas obras. Também Émile Callot (*La philosophie de la vie au XVIIIe siècle*, Paris, Marcel Rivière et Cie, 1965, p. 211) e Pierre LEMEE (*Julien Offray de La Mettrie*, Mortain, Éditions du Mortainais, 1954, pp. 122-6) atribuem este texto a La Mettrie. Charles T. Wolfe, embora não discuta a questão, cita-o como sendo de La Mettrie (cf. « Epicuro-cartesianism: La Mettrie's Materialist Transformation of Early Modern Philosophy » https://www.academia.edu/1615801/Epicuro-Cartesianism_La_Mettrie_s_Materialist_Transformation_of_Early_Modern_Philosophy). Entre os críticos caberia mencionar : Aram Vartanian (« Elie Luzac's Refutation of La Mettrie », *Modern Language Notes*, Vol. 64, No. 3 (Mar., 1949), pp. 159-161), John F. Falvey (« L'Homme plus que machine, and La Machine terrassée: A Question of Authorship », *Modern Language Notes*, Vol. 75, N° 8 (dec., 1969), pp. 670-681), Hesler Hastings (« Did La Mettrie Write Homme Plus Que Machine? », *PMLA*, Vol. 51, No. 2 (Jun., 1936), pp. 440-448), Jakob E. Poritzky (*Julien Offray de La Mettrie. Sein Leben und seine Werke*, Berlin, Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung, 1900, pp. 180-184). Outros autores evitam a questão e limitam-se a não ter em conta o texto: cf, entre outros, Ann Thomson, *Julien Offray de La Mettrie. Man-machine and Other Writings*, Glasgow, Cambridge University Press, 1996; Kathleen Wellmann, *La Mettrie. Medicine, Philosophy and Enlightenment*, Duke University Press, Durham and London, 1992.

La Mettrie morre em Novembro de 1751 e é o próprio Frederico II que escreve o elogio fúnebre do seu protegido, que será lido pelo seu secretário na Academia de Berlim⁴. Voltaire refere-se a esta amizade entre Frederico II e La Mettrie nas *Lettres sur Rabelais*, dando a entender que o monarca prussiano tinha grande admiração pela inteligência de La Mettrie⁵. Já La Mettrie, embora dedique ao Rei as suas *Oeuvres de Médecine*⁶, alude àquela amizade em termos algo desprendidos, e desabafa reconhecendo que na presença do rei nunca deixava de pensar que tinha um dono, mesmo que se tratasse de um ótimo dono⁷.

O primeiro elenco das obras filosóficas de La Mettrie foi publicado ainda em 1751 e inclui seis memórias⁸. A este elenco de obras, já de si

-
4. Éloge de M. Julien Offroy La Mettrie, ci-devant Médecin des Gardes Françaises, prononcé par Sa Majesté le Roi de Prusse dans Son Académie à Berlin. M. D CC. LIII.
 5. Cf. Voltaire, *Lettres à S. A. Monseigneur Le Prince de *** sur Rabelais, et sur d'autres auteurs qui ont mal parlé de la religion chrétienne*. 1767. Lettre VII: « Sur les Français », in M. BEUCHOT (éd.), *Oeuvres de Voltaire*, Tome XLIII, Paris, Lefevre, 1831, 530-531: « Depuis ce temps, ce fut un déluge d'écrits contre le christianisme. Le médecin La Métrie, le meilleur commentateur do Boerhaave, abandonna la médecine du corps pour se donner, disait-il, à la médecine de l'ame; mais son *Homme machine* fit voir aux théologiens qu'il ne donnait que du poison. Il était lecteur du roi de Prusse, et membre de son académie de Berlin. Le monarque, content de ses mœurs et de ses services, ne daigna pas songer si La Métrie avait eu des opinions erronées en théologie: il ne pensa qu'au physicien, à l'académicien; et, en cette qualité, La Métrie eut l'honneur que ce héros philosophe daignât faire son éloge funéraire. Cet éloge fut lu à l'académie par un secrétaire de ses commandements. Un roi, gouverné par un jésuite, eût pu proscrire La Métrie et sa mémoire; un roi, qui n'était gouverné que par la raison, sépara le philosophe de l'impie, et, laissant à Dieu le soin de punir l'impiété, protégea et loua le mérite ». Cf. Voltaire, *Homélies prononcées à Londres en 1765*, dans une assemblée particulière. Première homélie « Sur l'athéisme », in M. BEAUCHOT (éd.), *Oeuvres de Voltaire*, Tome XLIII, Paris, Lefevre, 1831, 249-250: « On me dira que le célèbre athée La Métrie était un homme doux et aimable dans la société, honoré, pendant sa vie et après sa mort, des boutés d'un grand roi, qui, sans faire attention à ses sentiments philosophiques, a récompensé en lui les vertus ».
 6. *Oeuvres de Médecine*, de Mr. de La Mettrie, Dédiées au Roi, Chez Fromery à Berlin, MDCCLI.
 7. Cf. *Supplément à l'Ouvrage de Penelope ou Machiavel en Medecine*. Par Aletheius Demetrius. Tome Troisième. Berlin, MDCCL, 276-7 : « L'honneur d'approcher d'un Grand Roi, n'empêche pas la triste idée que c'est avec son Maitre qu'on est, quelque aimable qu'il soi; enfin une telle Dignité est semée de trop de pièges, dont mon tempérament anti-courtisan ne me garantirait peut-être pas ».
 8. *Œuvres Philosophiques*. A Londres, Chez Jean Nourse, MDCCLI. As obras incluídas nesta primeira edição são: *L'Homme machine*, *Traité de l'âme*, *Abrégé des systèmes*, *L'Homme plante*,

razoavelmente amplo, tendo em conta os escassos cinco anos em que foram produzidas, haveria que acrescentar ainda mais algumas obras publicadas anonimamente, mas que a crítica atribui unanimemente a La Mettrie. Entre os textos com mais interesse filosófico caberia destacar três textos muito breves, todos publicados nas *Œuvres philosophiques* de 1753: *Venus métaphysique ou essai sur l'origine de l'âme humaine*, *L'Épître à Mademoiselle A.C.P. ou la machine terrassée* e a *Épître à mon esprit ou l'anonyme persiflé*. O segundo destes textos atribui *L'Homme plus que machine* ao mesmo autor de *L'Homme plante* e de *L'Homme machine* (OP II, 237) mas, como se verá, esse facto não basta para permitir atribuir com certeza aquela obra a La Mettrie.

Foi já mencionada a obra *La Politique du médecin de Maquiavel*, mas as obras de polémica ou de aberta crítica à comunidade médica e à prática da medicina e ao seu ensino são numerosas. Bastará referir *La faculté vengée*, *Le petit homme à longue queue*, *Les charlatans démasqués, ou Pluton vengeur de la société de médecine*, para comprovar que o ajuste de contas com a comunidade médica e com os seus adversários foi algo que La Mettrie tomou bastante a peito. A estes títulos há ainda que acrescentar diversas obras médicas e traduções de textos de medicina de outros autores, na sua maioria anteriores a 1745. Em todo o caso, se nos reportarmos ao período final da sua vida, La Mettrie escreveu muito, sobretudo textos filosóficos e de sátira.

Nas páginas que seguem, ter-se-ão em conta apenas as obras filosóficas. Pretende-se identificar a questão filosófica que guiou a sua elaboração e lhe dá unidade, e destacar alguns aspectos do seu desenvolvimento, designadamente os que têm que ver com o conceito de "natureza". O ritmo e a assertividade dos textos filosóficos de La Mettrie, bem assim como o conjunto de incómodos que esses textos granjearam ao seu autor, não se explicam adequadamente se não se identifica a tese que eles visam estabelecer, em cujo centro está uma concepção muito precisas tanto da filosofia quanto da natureza.

Les animaux plus que machines, Système d'Épicure. Edição utilizada: *Œuvres Philosophiques* de La Mettrie. Nouvelle édition, précédée de son Eloge, par Frédéric II, Roi de Prusse. 3 vols., Berlin, 1796. Abreviaturas usadas para as obras de La Mettrie : APM – *Les Animaux plus que machines* ; DP – *Discours Préliminaire* ; EME – *Épître à mon Esprit* ; HM – *L'Homme machine* ; HP – *L'Homme Plante* ; SE – *Système d'Épicure* ; TA – *Traité de l'Âme*. As obras são citadas pelo título, seguido da referência do volume em que se encontram e da página.

2. Uma obra para o futuro

Importa começar por ressaltar que a identificação das teses filosóficas de La Mettrie exige diversas cautelas. Em primeiro lugar, há que ter em conta os textos publicados anonimamente ou sob outro nome. Se alguns deles não levantam grandes dúvidas quanto à sua atribuição, já outros, mesmo tendo sido publicados em edições da sua obra completa, não são unanimemente reconhecidos como autênticos. A razão deste facto prende-se com a segunda precaução que importa mencionar: os recursos retóricos de La Mettrie são bastante variados e por vezes tem-se a impressão de que está a tentar ludi-briar o leitor e a dissimular as suas teses. É assim no caso da dedicatória de *L'Homme machine*, a Haller, em que dá a impressão de ter estado muito perto do médico suíço, o que leva este último a manifestar publicamente o seu profundo desagrado e a declarar que tudo o que aí se menciona é forjado e falso. É assim também no caso de *Les Animaux plus que machines* e de *L'Homme plus que machine*, apresentados como refutações das teses de *L'Homme machine*, mas em que realmente são postos a ridículo os próprios refutadores daquela obra. Algo parecido se poderia dizer de *Epître à mon esprit*.

O próprio La Mettrie se queixa de não ter sido bem entendido e adverte que não será fácil compreendê-lo recorrendo apenas às suas obras⁹. A si mesmo vê-se como um livre pensador, inclassificável ou impossível de situar sob uma etiqueta¹⁰. Assume abertamente uma atitude de desassombro e de provocação, deixando claro que não tem nenhuma intenção de contemporizar com os modos da época ou com os seus pares. Desse desassombro deixa constância no *Discours préliminaire*: « (...) j'attesterai du moins que j'ai regardé la plupart de mes contemporains, comme des préjugés ambulants que je n'ai le plus brigué leur suffrage, que craint leur blâme, ou leur censure » (DP, OP I, 61). Reconhece também abertamente que o projeto a que se dedicou transtornou totalmente a sua vida, e que ter-se empenhado em realizá-lo comprometeu o seu prestígio e a sua fortuna: tê-lo abraçado foi

9. Cf. DP, OP I, 36: "je ne ressemble en rien à tous ces portraits qui courent de moi par le monde, et on auroit même tort d'en juger par mes écrits; certes ce qu'il y a de plus innocent dans ceux d'entr'eux qui le sont le plus, l'est encore moins que moi".

10. Cf. DP, OP I, 39: "Je ne suis pas plus Spinosiste pour avoir fait *l'homme machine*, et exposé le *Système d'Epicure*, que méchant pour avoir fait une satire contre les plus charlatans de mes confrères; que vain, pour avoir critiqué nos beaux esprits; que débauché, pour avoir osé manier le délicat pinceau de la volupté".

uma manifestação de generosidade e de coragem, uma homenagem que voluntariamente quis prestar à natureza, de que se considera um discípulo¹¹.

Em seu entender, a sua obra só será adequadamente julgada pela posteridade e é a ela que vai dirigida; aos seus leitores que queiram ser também escritores recomenda a receita que usou para si mesmo: ter exclusivamente em vista a posteridade¹². É aliás sua convicção que o juízo da posteridade acabará por lhe fazer justiça¹³.

Esta atitude desprendida, "corajosa", como lhe chama, e de quase desprezo pela opinião alheia, articula-se na obra filosófica de La Mettrie com um outro aspecto, que salta especialmente à vista quando se considera a obra no seu conjunto: o elevado número de textos seus contemporâneos que tem em conta, quer seja para os criticar, quer seja porque eles confirmam com experiências e observações abundantes as opiniões que defende. La Mettrie conhece bem as teses sustentadas pelos seus opositores e pelos seus contemporâneos, tanto médicos como filósofos. É verdade que não costuma citar diretamente esses textos ou indicar a fonte, mas refere um número significativo de autores e de volumes de filosofia natural, de anatomia, de fisiologia, bem como de metafísica ou de ontologia, e enquadra razoavelmente as posições dos seus autores, revelando um conhecimento amplo das teses por eles defendidas. É frequente vê-lo mencionar teses e teorias propostas nos anos imediatamente anteriores àquele em que ele próprio escreve. Cada uma dessas obras filosóficas remete para outras e La Mettrie acaba por apresentar uma crítica global da filosofia moderna nos aspectos em que esta lhe parece indefensável. Descartes e Leibniz, mas também Malebranche, Espinosa ou Locke, estão entre os filósofos modernos que mais cita e cujas teorias glosa e critica.

11. Cf. DP, OP I, 57: "(...) pour moi, disciple de la nature, ami de la seule vérité, dont le seul fantôme me fait plus de plaisir, que toutes les erreurs qui menent à la fortune: moi qui ai mieux aimé me perdre au grand jour par mon peu de génie, que de me sauver, et même de m'enrichir dans l'obscurité par la prudence; philosophe généreux, je ne refuserai point mon hommage aux charmes qui m'ont séduit".

12. Cf. DP, OP I, 60-61: "Que la postérité soit votre seul point de vue; qu'il ne soit jamais croisé par aucun autre. Ecrivez, comme si vous n'aviez rien à craindre de la jalousie et des préjugés des hommes, ou vous manquerez le but".

13. Cf. DP, OP I, 57: "(...) paroissant aux yeux de l'univers, comme devant moi-même, les vrais juges des choses me trouveront plus innocent que coupable dans mes opinions les plus hardies, et peut-être vertueux dans la confession même de mes vices".

3. O projecto de La Mettrie – do dualismo ao monismo materialista

Se se considera o conjunto das obras filosóficas de La Mettrie, é evidente a unidade do seu empreendimento filosófico. Esse empreendimento está já rigorosamente definido no momento da publicação de *L'Histoire naturelle de l'âme* e expressa-se no próprio título da obra, ainda que, como se indicou, a partir da terceira edição o texto mude de nome. La Mettrie interessa-se sobretudo pela realidade viva e pretende pensá-la a partir da sua origem natural.

Este interesse por pensar a história natural da alma inscreve-se num plano mais amplo, que é o de pensar a natureza a partir das categorias de *unidade* e de *variedade*, ou o de pensá-la como uma *unidade na diversidade*. Assim se explica que a questão da realidade vida – e, dentro dela, a questão da realidade humana – adquira tanta importância, sendo vista como o problema crucial que há que clarificar para que a unidade seja evidenciada ou fique definitivamente provada. La Mettrie reconhece que a vida – e, entre as formas de vida, a humana – constitui o principal obstáculo para pensar a unidade da realidade natural. A dualidade entre substâncias puramente materiais e substâncias sensíveis – e, em concreto, o dualismo a partir do qual se tendia a pensar o homem – não pareciam nem poder ser negados nem ser facilmente conciliáveis com uma visão unitária da natureza. Ora é precisamente esta – em seu entender falsa - evidência de dualidade que La Mettrie pretende pôr em causa, denunciando como insustentável a descontinuidade entre a matéria e a vida. Fazê-lo obrigava-o não só a admitir uma unidade originária, origem de toda a realidade natural, mas também a explicar de que modo a unidade dá origem à diversidade que se observa na natureza.

A esta luz, não é difícil compreender por que razão La Mettrie considera que a sua tarefa representa o mais temerário dos empreendimentos (DP, OP I, 62). De facto, mais do que resolver um problema científico ou propor uma possível explicação científica da base fisiológica dos processos mentais, La Mettrie propõe-se superar a ontologia cartesiana, e apresenta as suas teses como uma alternativa ao cartesianismo, uma alternativa que o próprio cartesianismo possibilitou, mas que o supera amplamente. Ao distinguir entre substância pensante, substância extensa e substância divina, Descartes admitira uma heterogeneidade irreduzível no seio da substância, mas essa irreduzibilidade não tem qualquer justificação segundo La Mettrie: em seu entender, só um conjunto de preconceitos, tão comuns quanto inaceitáveis, permite admitir semelhante divisão ou partir dela, contra toda a experiência. Se for possível anular a heterogeneidade, se for possível explicar a gênese

do que chamamos "operações do espírito" a partir da matéria, a dualidade corpo/espírito apresenta-se como supérflua, sendo portanto indefensável. Houve autores no passado – designadamente Leibniz – que tentaram anular essa dualidade, mas fizeram-no do lado errado, espiritualizando a matéria. La Mettrie pretende fazê-lo da única forma que, em seu entender, não se funda em preconceitos: a partir da observação da realidade material e dos processos que nela se observam. Se for possível estabelecer que as teses que sustentam a heterogeneidade entre espírito e matéria não encontram justificação suficiente na experiência, o que é que nos impede de admitir que a matéria é por si mesma capaz de pensamento ou que o pensamento é um atributo da matéria? (TA, OP I, 121-122)

É evidente que a "naturalização" da alma, tal como La Mettrie a pensa, equivale à materialização do homem, à reconquista da unidade ou à superação do dualismo pela via de reduzir o homem à matéria, isto é, de reduzir a alma ao cérebro e as suas operações às operações dos órgãos dos sentidos. Segundo La Mettrie, Descartes acertou ao sustentar que o animal é uma máquina. Que outra coisa poderia ser senão uma estrutura material organizada, auto-organizada? O que não viu foi que entre as propriedades da matéria assim organizada estão também a sensibilidade e o pensamento (TA, OP I, 87-88)¹⁴.

Aceitar esta possibilidade – que La Mettrie considera melhor fundada do que a possibilidade alternativa, defendida pelo dualismo – obrigará a reconhecer que o pensamento é apenas uma versão eventualmente mais desenvolvida da sensibilidade e em última instância da matéria. Mas, se

14. Para uma visão de conjunto da influência de Descartes nas questões em torno da vida no período que antecede a produção de La Mettrie, cf.: Heikki Kirkinen, *Les Origines de la Conception Moderne de l'Homme-Machine: Le Problème de l'Âme en France à la Fin du Règne de Louis XIV (1670-1715): Étude sur l'Histoire des Idées*. Helsinki, Academia Scientiarum Fennica, 1960; Eleanor Rosenfield, *From Beast-Machine to Man-Machine. Animal Soul in French Letters from Descartes to La Mettrie*. New York, Oxford University Press, 1941. Acerca da relação de La Mettrie a Descartes, cf.: Émile Callot, *La philosophie de la vie au XVIII^e siècle*, Paris, Éditions Marcel Rivière et Cie, 1965, pp. 205-206; Keith Gunderson, "Descartes, La Mettrie, Language, and Machines", *Philosophy*, Vol. 39, No. 149 (Jul., 1964), pp. 193-222; Denise Leduc-Fayette, "La Mettrie et Descartes", *Europe*, Octobre 1978, 37-48; Ann Thomson, "L'homme-machine : mythe ou métaphore ?", *Dix-huitième Siècle*, n°20, 1988, pp. 367-376; Aram Vartanian (Ed.), *La Mettrie's L'Homme Machine. A Study in the Origins of an Idea. A critical edition*. Princeton/New Jersey, Princeton University Press, 1960, pp. 57-94; Kathleen WELLMAN, *La Mettrie: Medicine, Philosophy, and Enlightenment*, Durham and London, Duke University Press, 1992, pp. 172-177.

for assim, Descartes foi vítima de um preconceito e o seu pensamento é no fundo incoerente. Descartes enganou-se: não por ter afirmado que os animais são máquinas, mas por ter negado que as máquinas possam sentir e pensar. Este engano levou-o a sustentar uma posição incoerente, indefensável. Das duas uma: ou os animais têm alma (visto que evidentemente sentem) ou não a têm os homens. Ou, o que é o mesmo, se, como pretende Descartes, é possível dar razão das operações sensíveis dos animais sem recurso à alma, então também não será necessário admiti-la para explicar o comportamento humano.

4. O que é e o que vale a filosofia

Assim considerado, como uma tentativa de superar o dualismo, o projeto de La Mettrie é um projeto metafísico de grande alcance, e isto apesar de o seu discurso sobre os filósofos que se aventuram para além da experiência ser extremamente crítico. Qualificar deste modo o projeto de La Mettrie pode parecer excessivo, sobretudo se tivermos em conta o teor das críticas que dirige às pretensões da metafísica e o modo como concebe a razão humana e o seu alcance: em seu entender, a razão não está feita para a verdade, nem pode aspirar a resolver questões filosóficas últimas. Em todo o caso, e apesar de todas essas críticas, é isso que parece inferir-se da afirmação, antes referida, de que o empreendimento a que decidiu consagrar a sua vida é o mais elevado e o mais temerário, e da afirmação, já presente no *Discours Préliminaire*, de que pensar como filósofo é ser materialista (OP I, 15). Só assim se entende também que estas obras lhe tenham granjeado tantos inimigos.

Para compreender o sentido e o alcance da posição de La Mettrie é importante ter em conta que na sua obra a filosofia é objecto ao mesmo tempo dos mais rasgados elogios e das mais duras críticas. Sem advertir o leitor, La Mettrie passa da crítica à filosofia que deve ser rejeitada à apresentação da que, em seu entender, estamos em condições de desenvolver. Assim, por exemplo, nas primeiras páginas do *Discours préliminaire*, sustenta que tudo está submetido às investigações da filosofia (DP, OP I, 3), mas poucas páginas depois descansa os leitores afirmando que a filosofia não ameaça nada, não destrói nada: ou antes, fá-lo apenas hipoteticamente, que é o mesmo que deixar tudo na mesma (DP, OP I, 11 e 16). E um pouco mais adiante volta a referir-se à filosofia apresentando-a como « la clef de la nature et des sciences, la gloire de l'esprit, elle est aussi le flambeau de la raison, des loix et de l'humanité » (DP, OP I, 52).

Entendida no seu sentido habitual, a filosofia não costuma ser mais do que um elenco de ilusões e de preconceitos e o seu valor é meramente hipotético, de tal modo que nenhuma das alternativas em discussão está nunca suficientemente fundada¹⁵. Quase todos os temas filosóficos (acreditar ou não acreditar em Deus, considerar a natureza como uma causa cega ou admitir uma inteligência suprema, admitir que a alma é distinta do corpo ou não o admitir, etc.) são temas de guerra entre os filósofos, « et cette guerre durera tant que cette *reine des hommes*, l'opinion, régnera sur la terre » (DP, OP I, 21-22).

A indecidibilidade das questões filosóficas tem múltiplas causas. La Mettrie enuncia algumas delas – insistindo sobretudo na limitação da razão humana –, mas detém-se sobretudo a tirar as consequências deste facto complexo: entre essas consequências destacam o cepticismo e a irrelevância moral da filosofia¹⁶. Um saber tão insuficientemente fundado chegou a ter a pretensão de ser um autêntico conhecimento, graças simplesmente a um acumular de ilusões e de preconceitos que só alimentam a vaidade humana¹⁷.

A esta filosofia ilusória, que diz a verdade apenas por acaso, La Mettrie contrapõe a sua própria concepção da filosofia. Apresenta-a como um *sistema*, o sistema do materialismo (DP, OP I, 15), e chega inclusivamente a defini-la como « la science des choses par leurs effets » (DP, OP, 51). Além de ter a natureza como objecto, a boa filosofia encontra na natureza também o seu único critério. Dedicar-se à filosofia é, diz La Mettrie referindo-se a si próprio, ser « apôtre de la seule nature. (...) Quelle plaisir de n'avoir à faire sa cour qu'à cette reine immortelle » (DP, OP I, 62).

O que preserva qualquer filosofia de alimentar pretensões ilusórias, o que a mantém no bom caminho, é precisamente a referência constante à

.....

15. Cf. DP, OP I, 19: "Les vérités philosophiques ne sont que des Systèmes, dont l'auteur, qui a le plus d'art, d'esprit et de lumieres, est le plus séduisant; systèmes où chacun peut prendre son parti, parce que le pour n'est pas plus démontré que le contre pour la plupart des lecteurs; parce qu'il n'y a d'un côté et de l'autre, que quelques degrés de probabilité de plus et de moins"
16. Cf. DP, OP I, 37: "De quel danger peuvent être les égaremens d'un Esprit sceptique qui vole d'une hypothèse à une autre, comme un oiseau de branche en branche, emporté aujourd'hui par un degré de probabilité, demain séduit par un autre plus fort? Pourquoi rougirois-je de flotter ainsi entre la vraisemblance et l'incertitude?"
17. Cf. DP, OP I, 42: "En cultivant la philosophie, dont l'art magique pouvait seul changer *un vuide torricellien*, pour ainsi m'exprimer, en *un plein apparent*, et faire croire immortel ce souffle fugitif, cet air de la vie, si facile à pomper de la machine pneumatique du Thorax".

natureza e a sua total dependência dela. Este é um aspecto que a verdadeira filosofia partilha com a medicina:

« La philosophie, aux recherches de laquelle tout est soumis, est soumise elle-même à la nature, comme une fille à sa mere. Elle a cela de commun avec la vraie médecine, qu'elle se fait l'honneur de cet esclavage, qu'elle n'en connoit point d'autre, et n'entend point d'autre voix. Tout ce qui n'est puisé dans le sein même de la nature, tout ce qui n'est pas des phénomènes, causes, effets, science des choses, en un mot,] ne regarde en rien la philosophie, et vient d'une source qui lui est étrangère » (DP, OP I, 3-4).

5. A concepção da natureza de La Mettrie

La Mettrie centra toda a sua obra filosófica neste “estudo da natureza pelos seus efeitos”. A natureza é para a filosofia ao mesmo tempo objecto, ponto de partida, norma negativa e critério para julgar os resultados alcançados. Apesar desta centralidade, La Mettrie não se detém nunca a definir a natureza em si mesma. Mais, considera que as bases ocultas da natureza – o sujeito das propriedades que observamos nos seres naturais, bem assim como os mecanismos da atividade desses seres e os seus verdadeiros agentes – nos são desconhecidos e serão para sempre inacessíveis. A própria natureza da matéria e do movimento estão muito para além do que o espírito humano é capaz de captar (HM, OP III, 184). Aliás, é precisamente porque não conhecemos a natureza em si mesma que temos de nos contentar com procurar conhecê-la pelos seus efeitos.

Além de não definir a natureza, La Mettrie também não se detém a delimitá-la negativamente e dá poucas indicações nesse sentido. Os poucos aspectos referidos apresentam a natureza precisamente como algo *carecido de limites ou de margens*. A natureza apresenta-se como norma negativa da religião e da revelação, de tal modo que o que for contrariado pela natureza deve ser tido como falso e o *sobrenatural* (em si mesmo incompreensível) deve procurar compreender-se à luz do natural, que é para ele também uma espécie de norma negativa (HM, OP III, 117). Neste sentido, como dirá por outras palavras em *L'Homme machine*, a natureza será a sua única religião (HM, OP III, 167).

O natural também não pode caracterizar-se por contraste com o *artificial*, ou a natureza por contraste com a *arte*; mais propriamente haverá que reconhecer que a arte é filha da natureza, que a antecedeu em muito (HM, OP III, 138). A arte difere da natureza pela sua menor perícia e por ser obra

das mãos do artífice e do acaso, mas a própria natureza vai aperfeiçoando as suas obras e os primeiros seres vivos da natureza poderiam considerar-se como uma espécie de ensaios e ainda não como obras primas.

Talvez a contraposição mais relevante para caracterizar negativamente a natureza seja a que existe entre esta noção e a de *educação* (ou também a que existe entre natureza, por um lado, e *moral e política*, por outro), pois a educação é a única coisa que nos eleva acima dos animais (HM, OP III, 150). Em *L'Homme machine*, La Mettrie apresenta o espírito como o resultado do uso abusivo dos órgãos dos sentidos (HM, OP III, 159) e considera que o adestramento mecânico destes órgãos desenvolve o que chamamos "capacidades humanas", sendo isto que nos distingue dos animais. Mas não se trata propriamente de uma delimitação negativa, porque a educação – o treino – é também algo ao mesmo tempo exigido e possibilitado pela natureza, que se torna tanto mais dócil e plástica quanto mais dotada está de espírito.

Se quiséssemos enquadrar conceptualmente a natureza teríamos que colocá-la entre *Deus* e o *acaso*. Em *L'Homme machine*, ao questionar o valor dos argumentos teleológicos em favor de uma causa inteligente da ordem natural, La Mettrie defende que a alternativa entre Deus e o acaso é uma alternativa incompleta. Entre ambas está – pelo menos como possibilidade – uma causalidade natural, oculta mas concebível: evidentemente, esta última possibilidade é, em seu entender, a única opção defensável para explicar a regularidade da natureza. « Nous ne connoissons point la nature : des causes cachées dans son sein pourroient avoir tout produit. (...) quel absurdité y auroit-il donc à penser qu'il est des causes physiques pour lesquelles tout a été fait, et auxquelles toute la chaîne de ce vaste univers est si nécessairement liée et assujettie, que rien de ce qui arrive, ne pouvoit ne pas arriver ; des causes dont l'ignorance absolument invincible nous a fait recourir à un dieu, qui n'est même un être de raison, suivant certains. Ainsi, détruire le hazard, ce n'est pas prouver l'existence d'un être suprême, puisqu'il peut y avoir autre chose que ne seroit ni le hazard, ni dieu, je veux dire la nature » (HM, OP III, 164).

Embora não defina positivamente a natureza, nem sequer a delimite negativamente de forma rigorosa, La Mettrie vai enunciando um conjunto de notas que a caracterizam. A natureza é um *agente cego e inconsciente*, que produz as suas obras sem saber: « Dénuée de connoissance et de sentiment, elle fait la foie, comme le *Bourgeois Gentilhomme* fait de la prose, sans le savoir: aussi aveugle, lorsqu'elle donne la vie, qu'innocente lorsqu'elle la détruit » (SE, § IV, OP II, 4).

Sendo cega e inconsciente, é ao mesmo tempo rica de recursos e obedece a um *princípio de economia* que é também um *princípio de fecundidade*: « la nature (...) prend (...) sans y songer, les moyens les plus simples pour opérer. (...) Un peu de boue, une goutte de morve, forme l'homme et l'insecte; et la plus petite portion de mouvement a suffi pour faire jouer la machine du monde » (SE, § II, OP II, 4).

Além disso, a natureza *age de forma geométrica* e os seus *efeitos* são *necessários*. Assim, por exemplo, embora não saibamos como chegou a matéria a produzir o cérebro, compreendemos que um cérebro constituído como o nossos não pode deixar de ver as imagens que se refletem no olho humano (HM, OP III, 139). O olho não foi feito para ver mas, uma vez constituído, não pode deixar de refletir as imagens que o afectam. Aliás, nada nos impede de admitir que o desconhecido – as causas da diversidade – obedece a princípios parecidos aos que captamos, que tudo é obra da necessidade e que a matéria possui um princípio de auto-organização e de complexificação que pode dar razão de tudo o que observamos. Se esta hipótese se admitir, se admitirmos que a matéria está dotada de movimento, será fácil explicar toda a realidade natural: « Posez le moindre principe du mouvement, les corps animés auront tout ce qu'il faut pour se mouvoir, sentir, penser, se repentir, et se conduire en un mot dans le physique et dans le moral qui en dépend » (HM, OP III, 169).

A natureza é *homogénea*: « La nature n'a employé qu'une seule pâte, dont elle a seulement varié les levains (...) les animaux formés de la même matière, à laquelle il n'a peut-être manqué qu'un degré de fermentation, pour égaler les hommes en tout » (HM, OP III, 155).

Também do ponto de vista dinâmico a natureza *carece de limites* e a sua capacidade inventiva é ilimitada: « Ne bornons point les ressources de la nature ; elles sont infinies, sur tout aidées d'un grand art » (HM, OP III, 135-136).

Salta à vista ainda que a natureza *não dá saltos*, de tal modo que pode aplicar-se à totalidade dos seres da natureza o que se observa na transição entre os animais e o homem, a saber, que essa transição não violenta¹⁸.

18. Cf. HM, OP III, 136-137; HP, OP II, 69: "Rien de plus charmant que cette contemplation, elle a pour objet cette échelle imperceptiblement graduée, qu'on voit la nature exactement passer par tous ses degrés, sans jamais sauter en quelque sorte un seul échelon dans toutes ses productions diverses. (...) L'homme et la plante forment le blanc et le noir; (...). Sans ces couleurs (dos animais), sans les opérations animales, toutes différentes entr'elles, que je veux designer sous ce nom; l'homme, ce superbe animal, fait de boue comme les autres, eût cru être un dieu sur la terre, et n'eût adoré que lui".

Por último, a natureza é *material* e a matéria está internamente dotada de *dinamismo*¹⁹.

Apesar de ter mencionado um número significativo de notas da natureza, a última palavra de La Mettrie sobre este assunto é uma recomendação de precaução, fundada na convicção de que a natureza nos supera por todos os lados e que os nossos recursos são imensamente escassos. O conselho encontra-se admiravelmente expresso nas últimas páginas de *L'Homme machine* :

« Nous sommes de vraies taupes dans le chemin de la nature ; nous n'y faisons gueres que le trajet de cet animal ; et c'est notre orgueil qui donne des bornes à ce qui n'en a point. Nous sommes dans le cas d'une montre qui diroit : (...) 'quoi ! c'est ce sot ouvrier qui] m'a faite, moi qui divise le temps ! (...)' . Nous dédaignons de même, ingrats que nous sommes, cette mere commune de tous les regnes, comme parlent les chymistes. Nous imaginons, ou plutot nous supposons une cause supérieure à celle à qui nous devons tout, et qui a vraisemblablement tout fait d'une manière inconcevable. Non, la matière n'a rien de vil qu'aux yeux grossiers qui la méconnoissent dans ses plus brillants ouvrages ; et la nature n'est point une ouvrière bornée (...) Jugeons donc par ce que nous voyons, de ce qui dérobe à la curiosité de nos yeux et de nos recherches, et n'imaginons rien au-delà » (OP III, 193-194).

6. A analogia e o nosso acesso ao conhecimento da natureza

Integrados numa natureza que nos supera por todos os lados, situados a meio de um processo de que não podemos conhecer nem a origem nem o destino, dotados de uma razão que não pode aspirar a conhecer as causas nem a natureza oculta da realidade natural, nem sequer as suas propriedades primitivas, de que recursos dispõe o homem para elaborar uma teoria da realidade natural e uma história natural da alma?

Como alternativa ao conhecimento pelas causas, La Mettrie recomenda que conheçamos a natureza pelos seus efeitos. O procedimento a adoptar para alcançar esse conhecimento exige que peguemos na "bengala da experiência" e que nunca a abandonemos. Só este recurso sistemático à observação e à

19. Cf. HM, OP III, 185: « Qu'on m'accorde seulement que la matiere organisée est douée d'un principe moteur, qui seul la différencie de celle qui ne l'est pas (eh ! peut-on rien refuser à l'observation la plus incontestable ?) et que tout dépend dans les animaux de la diversité de cette organisation, comme je l'ai assez prouvé ; c'en est assez pour deviner l'énigme des substances et celle de l'homme. On voit qu'il n'y en a qu'une dans l'univers, et que l'homme est la plus parfaite ».

experiência permitirá avançar nalguma compreensão da natureza, e esse é, portanto, o autêntico método da filosofia. Mas como se avança afinal neste conhecimento? E que tipo de conclusões se podem tirar?

Segundo La Mettrie, o método desenvolve-se em dois momentos: há que começar por *observar* a natureza e prosseguir servindo-se da *analogia*²⁰. A obrigação de fidelidade a este primeiro momento de observação da natureza leva-o a aceitar como verdadeiro o que pode ser comprovado e a não adotar nenhuma tese que não se possa comprovar experimentalmente. Por seu turno, graças à analogia é possível de algum modo alargar o conhecimento da realidade para além dos domínios diretamente observáveis. Este último procedimento é decisivo.

A obra em que La Mettrie aborda mais sistematicamente a analogia como forma de acesso ao estudo e à compreensão da natureza é *L'Homme plante*. Trata-se de um texto curto, com apenas três capítulos. O primeiro está consagrado à uniformidade da natureza e à analogia que existe entre os seus dois principais reinos e o segundo à diferença que existe entre eles (HP, OP II, 51 e 62).

A analogia permite pensar a forma de unidade que existe entre os extremos de uma escala – a escala da vida –, sendo que esses extremos são ocupados, de um lado, pelas formas mais insipientes de auto-organização – as plantas – e, do outro, pela forma mais complexa ou mais perfeita dessa organização – o homem. As formas de analogia que seja possível encontrar poder-se-ão depois referir também aos outros membros da escala ou elos intermédios da cadeia, os restantes animais²¹. A necessidade de tomar o homem como um dos analogados não se deve apenas ao facto de a analogia só ser captada em toda a sua amplitude quando se consideram os extremos da escala; decorre também do facto de o estudo da natureza pelos seus efeitos ter de recorrer à observação e ao que La Mettrie chama o “sentimento íntimo” (HM, OP III, 142). Por exemplo, não poderíamos compreender a sensibilidade animal se não pudéssemos partir da nossa própria experiência íntima do que é sentir.

La Mettrie dá grande importância a este procedimento analógico. No breve prefácio que escreveu a *L'Homme plante* afirma: « La seule analogie du

20. A maioria dos comentadores não dedicou muita atenção à questão da analogia e ao seu papel na argumentação de La Mettrie. Cf. sobre esta questão Émile Callot, *Six Philosophes français du XVIIIe siècle*, Annecy, Gardet Editeur, 1963, p. 114.

21. Cf. HP, OP II, 51: “Pour juger de l’analogie qui se trouve entre les deux regnes, il faut comparer les parties des plantes avec celles de l’homme, et ce que je dis de l’homme, l’appliquer aux animaux”.

regne végétal et du regne animal m'a fait découvrir dans l'un, les principales parties qui se trouvent dans l'autre. Si mon imagination joue ici quelquefois, c'est (...) sur la table de la vérité; mon champ de bataille est celui de la nature, dont il n'a tenue qu'à moi d'être assez peu singulier, pour en dissimuler les variétés » (HP, OP II, 50).

O que exige e justifica o recurso à analogia é também o que disciplina o recurso a este procedimento: é a comprovação de que a natureza apresenta um padrão de comportamento que lhe confere uma regularidade apenas aproximada. Há evidentemente uma certa uniformidade ou regularidade que torna o mundo habitável, mas « la nature (...) n'est pas si uniforme, qu'elle ne s'écarte souvent de ses loix favorites » (HP, OP II, 51). Isso obriga-nos a contemplar a natureza com precaução: observar o que se pode observar e não ter a pretensão de ver tudo (HP, OP II, 51).

Trata-se de uma analogia ao mesmo tempo *estrutural* e *funcional*. Observa-se entre as plantas e o homem já formados e, ainda que de forma mais subtil, alarga-se à geração dos dois reinos (HP, OP II, 55-56). A analogia mais profunda é precisamente a analogia funcional. Observa-se na geração e desenvolvimento iniciais das plantas e dos animais, que é uma mistura das formas de geração e do desenvolvimento dos ovíparos e dos vivíparos (HP, OP II, 61). É ela que permite conceber uma história natural da alma.

A analogia pressupõe uma certa uniformidade e uma certa diversidade. Reconduz à unidade uma certa diversidade, sem eliminar completamente a diversidade. La Mettrie insiste neste último aspecto no segundo capítulo de *L'Homme plante*. Embora a analogia permita sustentar que a planta é um "animal imóvel" e que o animal é uma "planta móvel" ou uma "planta ambulante" – como escreverá em *L'Homme machine* (OP III, 128)– há que reconhecer no entanto que pertencem a reinos diferentes, a espécies diferentes. A razão profunda dessa diferença reside na sensibilidade: enquanto os animais têm sensibilidade e instinto, as plantas carecem deles (HP, OP II, 64).

Mas a diversidade destes reinos não se funda numa autêntica fractura ou verdadeira descontinuidade. A natureza não dá saltos e entre duas descontinuidades aparentes – como a que existe entre as plantas e os animais – haverá seguramente elos intermédios, as "plantas-animais", de momento desconhecidos.

Um dos aspectos mais significativos da abordagem de La Mettrie diz respeito à explicação da diversidade. Em seu entender, o operador principal da variedade que se observa na natureza é a *necessidade*. São as necessidades, fundadas na organização do ser vivo e derivadas dessa organização, que diversificam os seres vivos entre si, de acordo com três leis bem precisas:

a) quanto mais necessidades, mais meios se requerem para as satisfazer; b) quanto menos necessidades, menos dificuldade há em satisfazer as necessidades e menos inteligência é requerida; c) os seres sem necessidades carecem de inteligência (HP, OP II, 64).

Questão diferente desta é saber como se explica o surgimento das necessidades, ou a progressiva complexificação dos seres vivos. La Mettrie remete este facto para a capacidade que a matéria tem de se auto-organizar e chega a apresentar o homem como a imagem mais perfeita do movimento perpétuo. Em última instância, a diversificação da natureza decorre de uma lei interna da matéria, a que um mecanismo adaptativo oferece um critério de seleção.

Como víamos, a analogia existente entre o homem e a planta não anula as diferenças entre eles; mais ainda, há que reconhecer « que l'homme & la plante different peut-être encore plus entr'eux, qu'ils ne se ressemblent. En effet, l'homme est celui de tous les êtres connus jusqu'à présent, qui a le plus d'ame, comme il étoit nécessaire que cela fût ; & la plante celui de tous aussi, si ce n'est les minéraux, qui en a & en devoit avoir le moins » (HP, OP II, 67). Mas a diferença referida é no fundo apenas uma diferença de grau: refere-se aos extremos de uma escala, como o branco e o preto na escala das cores. Essa gradação, que não estamos ainda em condições de ilustrar, é a que permite pensar que haveremos de encontrar um dia “plantas animais” (HP, OP II, 67). Essa gradação é ao mesmo tempo uma gradação de perfeição e de complexidade: « Le dernier, ou le plus vil des animaux, succede ici à la plus spirituelle des plantes animales » (HP, OP II, 68). A analogia e a diferença põem diante dos nossos olhos uma escala imperceptivelmente graduada, permitindo-nos conceber uma natureza que passa exatamente por todos os graus, sem nunca saltar nenhum nível em todas as suas produções diversas (HP, OP II, 69).

Como referimos, La Mettrie não se detém a explicar com o mesmo pormenor como se produz a diversidade. A comprovação de que o homem se encontra no topo de uma escala que funda as suas raízes na matéria inerte, leva-o no entanto a fazer algumas considerações sobre o seu surgimento. A diversidade é diversidade de organização e a sua causa é desconhecida. Poderia ser o acaso ou a necessidade interna das leis do movimento que operam na natureza. Não admira, por isso, que os últimos elos da cadeia sejam menos estáveis do que os anteriores ou os mais antigos; daí também que uma pequena mudança de organização baste para nos precipitar desse topo e fazer-nos cair num nível inferior; e a verdade é que os restantes animais, embora estejam num nível inferior, são mais estáveis e mais firmes do que nós (HP, OP II; 69-70).

O caminho que a analogia permite percorrer, um caminho que nos faz passar pelos diversos graus da natureza, indo do ser vivo que entre todos tem menos alma até ao homem e vice-versa, permite-nos vislumbrar a uniforme variedade da natureza (HP, OP II, 70), que é a última palavra sobre o mundo vivo ou sobre o mundo material no seu todo.

As diferenças entre os seres são diferenças de qualidade: somos feitos – alma e corpo – da mesma pasta que os restantes seres da natureza. O que nos diferencia deles também não é a natureza das operações que realizamos: partilhamos com eles uma estrutura similar. Mas estamos muito longe de ter a mesma qualidade (HP, OP II, 72). E a razão deste facto é simples: é que tendo muito mais necessidades, era necessário que tivéssemos infinitamente mais espírito (HP, OP II, 71).

La Mettrie considera tão importante acentuar a unidade e evidenciar a analogia que existe entre os seres da natureza como acentuar a diferença de grau que se observa em todos eles. O princípio explicativo dessa diferença graduada é, como indicámos, a necessidade. A complexidade é ao mesmo tempo causa e efeito da necessidade. Um ser mais complexo tem mais necessidades e isso exige-lhe respostas mais complexas. La Mettrie considera que ter descoberto esta relação existente entre o espírito e a necessidade é uma das suas maiores descobertas. Escreve: « J'ai envisagé l'ame, comme faisant partie de l'histoire naturelle des corps animés, mais je n'ai garde de donner la différence graduée de l'une à l'autre, pour aussi nouvelle que les raisons de cette gradation » (HP, OP II, 74-75).

Este modo de proceder configura uma autêntica visão do mundo e dirige-se a produzi-la. O que La Mettrie procura quando nos propõe reparar no que é visível e não ter a pretensão de ver tudo (HP, OP II, 51), não é uma observação circunstanciada e científica das afinidades de pormenor. Não lhe interessa passar a vida na tarefa "maçadora" de observar os insectos, nem deter-se nesse tipo de observações particulares que são a marca do pouco génio daqueles que a elas se consagram; em vez disso, prefere ver de longe, em grande e em geral (HP, OP II, 70-71). Pretende elaborar uma autêntica filosofia da natureza e o seu projeto, embora esteja ancorado na observação – essa única alternativa possível ao preconceito –, está muito longo de se circunscrever aos dados da observação²².

22. Cf. HP, OP II, 71: « pour moi qui ne suis curieux que de philosophie, qui ne suis fâché que de ne pouvoir en étendre les bornes, la nature active sera toujours mon seul point de vue. J'aime à voir du loin, en grand comme en général, et non en particulier, ou en petits détails ».

Em todo o caso, a curiosidade acerca da natureza não deve desembocar numa espécie de obsessão de compreender tudo²³, até porque não nos cabe mais remédio do que reconhecer – inclusivamente quando quisermos julgar a sua obra – que a nossa condição é a que descreveram Epicuro e os seus discípulos: « comme eux au reste, je ne fais qu'un système ; ce qui nous montre dans quel abyme on s'engage, quand voulant percer la nuit des temps, on veut porter de présomptueux regards sur ce qui ne leur offre aucune prise : car admettez la création ou la rejetez, c'est par-tout le même mystere ; par-tout la même incompréhensibilité » (SE, § XLI, OP II, 23).

Esta limitação, que faz do saber filosófico um saber meramente aproximativo, tentativo, falível – e também, por isso mesmo, imune à crítica – não tira encanto à tarefa do filósofo, mas dá-lhe um alcance muito preciso : « Quoiqu'il ignore les premieres causes (et il s'en fait gloire), du coin du parterre où il s'est caché, voyant sans] être vu, loin du peuple et du bruit, il assiste à un spectacle, où tout l'enchanté et rien ne le surprend, pas même de s'y voir » (SE, § XLIII, OP II, 24-25).

A atividade do filósofo é guiada por um prazer puramente estético, que La Mettrie evoca no final do *Système d'Epicure*, dirigindo uma saudação aos ambientes intelectuais próprios dos livre pensadores: « je vous salue, heureux climats, où tout homme] qui vit comme les autres, peut penser autrement que les autres ; (...) où l'on n'a point honte de dire ce qu'on ne rougit point de penser ; où on ne court point risque d'être le martyr de la doctrine dont on est l'apôtre » (§ XCIII, OP II, 47-48).

O recurso à analogia, tanto funcional como estrutural, apresenta-se como uma alternativa ao modo clássico de estudar a natureza, uma vez que a pretensão de conhecer as causas ou as propriedades mais essenciais dos seres naturais está muito para além das nossas capacidades: o acesso a esses princípios está-nos vedado e talvez o esteja sempre, admite La Mettrie (SE, § I, OP II, 3).

É a ignorância desta limitação ou a pretensão vã de a superar que, no entender de La mettrie, levou por tão maus caminhos os dois saberes a que teve especial apreço e aos quais dedicou a sua vida: a filosofia e a medicina. « Comme la médecine n'est le plus souvent qu'une science de remedes dont les noms sont admirables, la philosophie n'est de même qu'une science de

23. Cf. SE, § XXVI, OP II, 14 : « Prenons les choses pour ce qu'elles nous semblent ; regardons tout autour de nous (...) en l'admirant, mais sans cette vaine démangeaison de tout concevoir ».

belles paroles ; c'est un double bonheur, quand les uns guérissent, et quand les autres signifient quelque chose » (SE, § XLII, OP II, 24).

Temos acesso apenas a alguns aspectos da natureza e a alguns princípios do seu funcionamento: ela usa, sem disso ter consciência, os meios mais simples para agir (SE, § II, OP II, 4). Um pouco de lama e de ranho formam tanto os mais simples como os mais complexos seres da natureza e um pequena quantidade de movimento basta para pôr a funcionar a máquina do mundo (SE, § II, OP II, 4). La Mettrie insiste no carácter casual ou cego da ação da natureza: « *Comment prendre la nature sur le fait?* Ellen ne s'y est jamais prise elle-même. Dénuée de connoissance et de sentiment, elle fait la foie, comme le *Bourgeois Gentilhomme* fait de la prose, sans le savoir: aussi aveugle, lorsqu'elle donne la vie, qu'innocente lorsqu'elle la détruit » (SE, OP II, § IV, 4).

Este funcionamento cego produz, por obra da natureza e com o tempo, seres cada vez mais complexos. A natureza avança à custa de erros e realiza cegamente o que a arte procura de forma intencional: aperfeiçoar-se. De tal modo que, na sua maioria, os processos da natureza, pelo menos os que dão origem à variedade, são mais ensaios do que golpes de mestre (SE, § XV, OP II, 10). A geração resulta de ensaios e erros e de uma infinidade de combinações.

O acaso articula-se na natureza com a mais absoluta necessidade, de tal maneira que aquele é motor de mudança e esta causa de previsibilidade. Desta interação entre acaso e necessidade resulta, por exemplo, que a formação dos órgãos seja cega e aparentemente casual, mas não sejam casuais as capacidades desses órgãos: como se indicou já, a formação do olho é casual mas a capacidade de ver deriva necessariamente daquela constituição casual. Isto significa que, segundo La Mettrie, o discurso teleológico é frívolo, já que não há nenhuma razão que nos impeça de aceitar que o sentido vem do acaso ou a ordem do caos (SE, §§ XX-XXI, OP II, 12). Tudo na natureza resulta deste jogo entre acaso e necessidade: também o pensamento. As mesmas leis do movimento que formaram os olhos que veem e os ouvidos que ouvem « *elles ont fabriqué le viscere de la pensée. La nature a fait, dans la machine de l'homme, une autre machine qui s'est trouvée propre à retenir les idées et à en faire de nouvelles (...). Ayant fait, sans voir, les yeux qui voient, elle a fait sans penser, une machine qui pense* » (SE, § XXVII, OP II, 14-15). Não há portanto, conclui La Mettrie, nada de absurdo em admitir que um ser inteligente tenha uma causa cega (SE, § XXVIII, OP II, 15).

A razão, mais do que uma faculdade, é um simples mecanismo de adaptação. Um mecanismo de que carecemos no momento do nascimento mas que se desenvolve com o tempo e se fortalece com a cultura. « L'homme n'apporte point sa raison en naissant ; il est plus bête qu'aucun animal ; mais plus heureusement organisé pour avoir de la mémoire et de la docilité, si son instinct vient plus tard, ce n'est que pour se changer assez vite en petite raison, qui, comme un corps bien nourri, se fortifie peu-à-peu par la culture. Laissez cet instinct en friche (...) l'homme ne sera qu'un animal comme un autre » (SE, § XXXVII, OP II, 21).

Chega-se assim ao fim do itinerário visado por La Mettrie: fazer uma história natural da alma. Assim, para rejeitar o dualismo cartesiano e para colocar em seu lugar um monismo de tipo materialista bastaram a observação empírica e a analogia.

7. Conclusão

Como é possível construir uma visão da realidade natural a partir dos pressupostos epistêmicos de que parte La Mettrie ? Como é possível pôr em causa os sistemas filosóficos do seu tempo e continuar a sustentar que a razão humana não tem acesso à natureza da matéria e do movimento, nem ao conhecimento de substâncias ? Que alcance tem a análise de La Mettrie ? O que valem os seus argumentos e que peso têm as suas conclusões ? Como se indicou, sempre que se trata de desempatar questões filosóficas – a existência de Deus, a natureza da alma, a natureza da matéria ou do movimento, as suas propriedades primitivas, a teleologia – La Mettrie indica que não toma partido, que os sistemas filosóficos gozam apenas de plausibilidade e que é possível apresentar argumentos de igual valor a favor e contra uma determinada tese. Como é então que logrou constituir uma filosofia da natureza e apresentar uma história natural da alma, na qual o dualismo cartesiano é substituído por um monismo de tipo materialista?

A resolução deste dilema obrigaria a considerar detidamente o modo como La Mettrie invoca o testemunho e a autoridade da experiência e também a discutir o alcance que atribui à analogia. Não é este o momento de abordar estes dois aspectos centrais do seu pensamento. Por um lado, afirma que a experiência é o único critério de fundamentação ou de refutação das suas teses filosóficas; por outro lado, serve-se da analogia como de um operador que permite optar por teses filosóficas que, à luz apenas da experiência, se poderiam considerar indecidíveis.

Esta dupla estratégia é de difícil articulação: de algum modo, se a argumentação de La Mettrie for convincente, ela própria põe em causa as bases do modelo por ele construído. La Mettrie considera que a nossa ignorância da realidade não sensível funda a possibilidade de a negar: por que razão havemos de admitir que existe aquilo de que não temos uma experiência sensível? Ao mesmo tempo, invoca também a ignorância para construir uma visão materialista da realidade natural, visão que, em seu entender, não pode ser negada: porque não havemos de admitir que "é tudo como aqui"? Que a matéria é capaz de pensar e que o espírito é apenas um produto fortuito de uma natureza cega, que obedece em toda a parte às leis da matéria? Este duplo uso da ignorância, aliado à hipótese, indecível à luz da experiência sensível, de que a natureza é analógica e que essa analogia se estende a todos os seres, põe em evidência que a experiência sensível tem em La Mettrie um papel muito superior ao que ele próprio lhe atribui expressamente: a experiência sensível da realidade material não é apenas o único critério do nosso conhecimento da natureza, é também o único modelo do que pode ser a realidade natural.

Bibliografia

- CALLOT, Émile (1965), *La philosophie de la vie au XVIIIe siècle*, Paris, Marcel Rivière et Cie.
- CALLOT, Émile (1963), *Six Philosophes français du XVIIIe siècle*, Annecy, Gardet Editeur.
- FALVEY, John F. (1969), « L'Homme plus que machine, and La Machine terrassée: A Question of Authorship », *Modern Language Notes*, Vol. 75, N° 8, pp. 670-681.
- FRÉDÉRIC II (1753), Éloge de M. Julien Offroy La Mettrie, ci-devant Médecin des Gardes Françaises, prononcé par Sa Majesté le Roi de Prusse dans Son Académie à Berlin.
- GUNDERSON, Keith (1964), "Descartes, La Mettrie, Language, and Machines ", *Philosophy*, Vol. 39, No. 149, pp. 193-222.
- HASTINGS, Hesler (1936), « Did La Mettrie Write Homme Plus Que Machine? », *PMLA*, Vol. 51, No. 2, pp. 440-448.
- KIRKINEN, Heikki (1960), *Les Origines de la Conception Moderne de l'Homme-Machine: Le Problème de l'Âme en France à la Fin du Règne de Louis XIV (1670-1715): Étude sur l'Histoire des Idées*. Helsinki, Academia Scientiarum Fennica.
- LA METTRIE, Julien Offray de (1745), *Histoire naturelle de l'Âme*. Traduite de l'Anglois de M. Charp. Par feu Mr. H** de l'Académie des Sciences. A La Haye. Chez Jean Neaulme, Libraire.

- LA METTRIE, Julien Offray de (1746) - *Politique du medecin de Machiavel, ou le chemin de la fortune ouvert aux medecins : ouvrage reduit en forme de conseils, par le docteur Fum-Ho-Ham & traduit sur l'original chinois, par un nouveau maitre es arts de S. Cosme : premiere partie qui contient les portraits des plus celebre medecins de Pekin* [illegible] A Amsterdam, Chez les Freres Bernard.
- LA METTRIE, Julien Offray de (1750) - *Supplément à l'Ouvrage de Penelope ou Machiavel en Medecine*. Par Aletheius Demetrius. Tome Troisième. Berlin.
- LA METTRIE, Julien Offray de (1751 a) - *Oeuvres de Médecine*, de Mr. de La Mettrie, Dédiées au Roi, Chez Fromery à Berlin.
- LA METTRIE, Julien Offray de (1751 b) - *Œuvres Philosophiques*. A Londres, Chez Jean Nourse, MDCCLI.
- LA METTRIE, Julien Offray de (1796), *Œuvres Philosophiques de La Mettrie*. Nouvelle édition. 3 vols., Berlin.
- LA METTRIE, Julien Offray de (1984-1987) *Œuvres Philosophiques*, 2 volumes, Paris, Fayard.
- LEDUC-FAYETTE, Denise (1978), "La Mettrie et Descartes", *Europe*, Octobre, pp. 37-48.
- LEMÉE, Pierre (1954), *Julien Offray de La Mettrie*, Mortain, Éditions du Mortainais.
- PORITZKY, Jakob E. (1900), *Julien Offray de Lamettrie. Sein Leben und seine Werke*, Berlin, Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung.
- ROSENFELD, Eleanora (1941), *From Beast-Machine to Man-Machine. Animal Soul in French Letters from Descartes to La Mettrie*. New York, Oxford University Press.
- THOMSON, Ann (1988), "L'homme-machine : mythe ou métaphore ?", *Dix-huitième Siècle*, n°20, pp. 367-376.
- THOMSON, Ann (1996), *Julien Offray de La Mettrie. Man-machine and Other Writings*, Glasgow, Cambridge University Press.
- VARTANIAN, Aram (1949), « Elie Luzac's Refutation of La Mettrie », *Modern Language Notes*, Vol. 64, No. 3, pp. 159-161.
- VARTANIAN, Aram (Ed.) (1960), *La Mettrie's L'Homme Machine*. A Study in the Origins of an Idea. A critical edition. Princeton/New Jersey, Princeton University Press.
- VOLTAIRE (1831), *Oeuvres*. Ed. de M. Beuchot. Tome XLIII, Paris, Lefevre.
- WELLMANN, Kathleen (1992), *La Mettrie. Medicine, Philosophy and Enlightenment*, Duke University Press, Durham and London.
- WOLFE, Charles T., « Epicuro-cartesianism: La Mettrie's Materialist Transformation of Early Modern Philosophy » https://www.academia.edu/1615801/Epicuro-Cartesianism_La_Mettrie_s_Materialist_Transformation_of_Early_Modern_Philosophy).